

Economia

8 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 19 de dezembro de 2025

Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@abr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

Bolsas
Na quinta-feira

0,38%
São Paulo

Pontuação B3
Ibovespa nos últimos dias
162.481 157.923
15/12 16/12 17/12 18/12

Dólar
Na quinta-feira
R\$ 5,523 (+ 0,01%)

Últimos

12/dezembro 5,410
15/dezembro 5,421
16/dezembro 5,463
17/dezembro 5,523

Salário mínimo
R\$ 1.518

Euro
Comercial, venda na quinta-feira

R\$ 6,477

CDI
Ao ano
14,90%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
14,90%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)
Julho/2025 0,26
Agosto/2025 -0,11
Setembro/2025 0,48
Outubro/2025 0,09
Novembro/2025 0,18



BALANÇO

“Eu não vivo da política”, diz Haddad

Ministro da Fazenda nega a intenção de se candidatar e diz que, em 2026, quer trabalhar pela reeleição do presidente Lula

» ROSANA HESSEL

No mesmo dia em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), afirmou que gostaria que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, fosse candidato em 2026, o chefe da equipe econômica do terceiro mandato do petista reforçou que não tem interesse em se candidatar, mas, sim, de trabalhar na campanha da reeleição de Lula.

“Cada um tem uma trajetória. Eu não vivo da política”, afirmou Haddad, ontem, a jornalistas, ao ser questionado se ele gostaria de se candidatar nas próximas eleições. “Eu tive uma conversa com o presidente e ele disse que respeitaria a minha decisão”, acrescentou Haddad, durante um café com setoristas da Fazenda na tarde de ontem, na sede da pasta.

Mais cedo, no Palácio do Planalto, também em café com jornalistas, Lula declarou que gostaria de ter Haddad como candidato em São Paulo. “Vocês sabem que o Haddad tem maioridade e tem biografia para decidir o que ele quer fazer. Se você me perguntar se eu gostaria que ele fosse candidato, eu gostaria”, afirmou. “É impossível você imaginar uma pessoa da envergadura do Haddad deixar o Ministério da Fazenda e voltar para casa. Acho que nem eu, nem Ana Estela iríamos gostar”, acrescentou Lula, citando a esposa do ministro.

Haddad contou que pretende tirar férias e, quando retornar, em 11 de janeiro, vai retornar a conversa com Lula e, então, deixar a Fazenda, em fevereiro. “Se o meu pleito for atendido para colaborar com a campanha, uma troca de comando aqui (na Fazenda) seria importante”, disse ele.

Ao ser questionado sobre quem poderia substituí-lo no comando da Fazenda, Haddad evitou dar nomes, mas ponderou que sempre tem levado os secretários para despatchos com Lula. “Obviamente, esse é um cargo (de escolha) do presidente da República. Mas eu não



Na conversa com jornalistas, Fernando Haddad fez um balanço positivo da sua gestão à frente do Ministério da Fazenda, apesar do fiscal

despacho sozinho com o presidente. Eu gosto de promover as pessoas que trabalham comigo”, disse ele, citando os secretários Robinson Barreirinhas (Receita Federal), Rogério Ceron (Tesouro Nacional) e Marcos Pinto (Reformas Econômicas), que está de saída do governo. “Eu os levo e tenho orgulho das pessoas que trabalham comigo”, afirmou.

Em tom de despedida, Haddad fez um balanço positivo de sua gestão à frente da Fazenda, mas não finalizou um prazo para que a trajetória da dívida pública se estabilize. Ele comemorou o avanço das pautas econômicas no Congresso

Nacional. “Estamos terminando o ano com todas as matérias apreciadas”, disse. Ao se defender das críticas sobre o arcabouço fiscal, Haddad afirmou que a regra “tem uma arquitetura muito boa” e é bastante elogiada por vários países. “Acho que é preciso manter a arquitetura, mas é possível discutir os parâmetros”, afirmou.

De acordo com o ministro, o deficit fiscal herdado do ex-ministro da Economia Paulo Guedes, em 2023, foi de R\$ 160 bilhões, porque o Orçamento tinha erros como o Bolsa Família dimensionado errado, de R\$ 400 em vez de R\$ 600, além dos R\$ 44 bilhões do calote

de precatórios. Além disso, afirmou que, no governo Temer, o ex-ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, encerrou 2018 com um déficit nas contas públicas de R\$ 139 bilhões, que seriam mais ou menos R\$ 180 bilhões aos preços de hoje. “Ninguém fala disso, e ninguém chamou Meirelles de irresponsável”, reclamou, com tom de ressentimento.

UE-Mercosul

Ao contrário de Lula, que ameaçou abandonar o acordo de livre-comércio entre Mercosul e União Europeia se não houver avanço no

próximo sábado, durante a cúpula do bloco sul-americano em Foz do Iguaçu (PR), o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, defendeu um pouco mais de paciência. “Acredito que vale a pena insistir um pouco mais”, disse Haddad. “Tínhamos que abrir essa seara na esfera geopolítica e era uma clareira”, acrescentou.

O ministro contou que manda mensagem para o presidente da França, Emmanuel Macron, para manter o acordo. Na avaliação dele, o acordo tem salvaguardas importantes e, se os governantes precisam de mais tempo para esclarecer isso para



Fazenda e Banco Central nunca divergiram sobre a direção da política, não houve divergência em relação a isso. Houve debate sobre dose, sobre intensidade”

Fernando Haddad, ministro da Fazenda

a opinião pública, não tem problema esperar mais um pouco além da cúpula do Mercosul, que acontece no próximo sábado (20/12), em Foz do Iguaçu, para a assinatura do acordo. “Acho que vale a pena esperar”, disse, acrescentando que, “só não pode demorar muito”.

Banco Central

Além de elogiar o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, Haddad afirmou que eles nunca divergiram sobre a direção da política monetária, mas sobre a intensidade do remédio. “Fazenda e Banco Central nunca divergiram sobre a direção da política, não houve divergência em relação a isso. Houve debate sobre dose, sobre intensidade”, afirmou ele, acrescentando que o debate era feito de maneira “civilizada”.

Além disso, declarou que as ponderações sobre a atuação do BC não deveriam “ferir nem causar tanta celeuma”. Segundo ele, desde que assumiu o cargo, tem defendido harmonia entre as políticas monetária e fiscal. “Eu prego uma harmonia entre política monetária e fiscal desde o primeiro dia”, garantiu.

Galípolo reticente sobre juros

O presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, afirmou, ontem, que a autoridade monetária não pretende dar um guidance (sinal) se pretende ou não começar a reduzir os juros em janeiro de 2026, na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). Contudo, disse que “não há portas fechadas” tanto para aumento quanto para queda da taxa básica da economia (Selic), atualmente em 15% ao ano, maior patamar desde julho de 2006.

“Eu prefiro aguardar e recolher dados para chegar com mais dados na próxima reunião. Essa é a interpretação correta”, disse Galípolo a jornalistas, durante a apresentação do Relatório de Política Monetária (RPM), documento produzido pelo BC trimestralmente e que substitui o Relatório de Inflação.

“Não há portas fechadas”, acrescentou ele, em referência ao porquê da manutenção do trecho de

que o Copom “não hesitará” em aumentar os juros se for necessário, mas também há a interpretação, segundo ele, para a abertura de queda dos juros. “A gente não fechou a porta na comunicação”, acrescentou. Para ele, essa é a estratégia “mais coerente” do BC e que manterá na condução da política monetária.

“Não decidimos o que vamos fazer em todas as reuniões. Vamos tomar a decisão ao longo deste ciclo”, ressaltou, na conversa, em que também fez um balanço do ano.

Otimismo

O diretor de Política Econômica do Banco Central, Diogo Guilén, demonstrou mais otimismo com relação ao cenário doméstico, ao comentar com os jornalistas o RPM. “O ambiente é incerto, mas menos incerto do que já foi”, afirmou.

Segundo ele, o conjunto dos indicadores segue apresentando, “conforme esperado”, trajetória de moderação no crescimento da atividade econômica, como observado na última divulgação do Produto Interno Bruto (PIB), que apresentou crescimento de 0,1% no terceiro trimestre deste ano, confirmando o processo de desaceleração da atividade. Contudo, ele ressaltou que o mercado de trabalho “ainda mostra resiliência”.

De acordo com o diretor, contudo, o ambiente externo ainda continua incerto “em função da conjuntura e da política econômica nos Estados Unidos, com reflexos nas condições financeiras globais”. “Tal cenário exige cautela por parte de países emergentes em ambiente marcado por tensão geopolítica”, frisou, destacando que as projeções “ainda não indicam desaceleração”.

Troca de direto

Galípolo informou que a próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), nos dias 27 e 28 de janeiro, terá apenas sete diretores, em função da saída dos diretores Renato Dias de Brito Gomes (Organização do Sistema Financeiro e Resolução) e Diogo Abry Guillen (Política Econômica). Os mandatos de ambos vencem no dia 31 e, com o recesso parlamentar, uma sabatina dos novos diretores só ocorrerá no próximo ano.

Ao ser questionado pelo Correio se eles poderiam permanecer até a aprovação dos próximos diretores, Galípolo contou que não houve espaço para negociação.

Caso Master

Ao comentar sobre a liquidação do Banco Master e a convocação de diretores do BC pelo Supremo Tribunal Federal (STF) para dar



Sobre o Master, Galípolo afirmou que tem “tudo documentado”

explicações, Galípolo afirmou que o BC estará à disposição do Supremo. “Enquanto presidente, estou à disposição do Supremo para fornecer todos os dados que a gente já forneceu ao Ministério Público e à Polícia

Federal. A gente documentou tudo: cada uma das ações que foram feitas, cada uma das reuniões, trocas de mensagens, comunicações, tudo isso está devidamente documentado”, afirmou. (RH)